

Vários estilos se misturam na nova geração de bandas da cidade, que não gosta de ser chamada Rock Brasília e já se prepara para gravar discos

Págs..... 6 e 7

CORREIO BRAZILIENSE, domingo, 20 de junho de 1993

CORREIO
DOIS

Não pode ser vendido separadamente

DF - Arte

Artes (nem sempre) plásticas

Quantidade não quer dizer qualidade, provam algumas exposições em cartaz

Todo dia é dia, toda hora é hora, para alguém expor pinturas, esculturas e congêneres em Brasília. Somente em maio passado 57 exposições foram realizadas na cidade. Entre expressivas obras de arte, uma grande quantidade de trabalhos intuitivos, artesanais ou mecânicos, destituídos de valor artístico-cultural, é apresentada ao público como sendo *artes plásticas*. Ao observar este quadro, artistas, galeristas e críticos acabam traçando o perfil do vilão que não distingue quantidade de qualidade: os espaços institucionais. O senador (PP/DF) e *marchand* Pedro Teixeira vai mais além e denuncia que a "lucrativa feira de mau gosto" que assola a capital federal burla o fisco.

"Não aceito indicações políticas para a minha galeria", declara Pedro Teixeira, proprietário da Performance Galeria de Arte. "Por mais paradoxal que seja o senador não as aceita", completa, ao anunciar que está estudando a elaboração de um projeto que determine os critérios para os órgãos públicos, nacionais e internacionais, realizarem exposições. Ele verificou que os órgãos públicos, isentos de impostos, investem alto em cada mostra que fazem. "Cedem gratuitamente seus espaços e serviços para *marchands* e artistas fazerem um verdadeiro festival mercantilista".

Prejuízos — O senador constata uma concorrência desleal — "Não é defesa da minha galeria, que já está estabelecida" —, e prejuízo para os cofres públicos. O seu projeto irá propor que a Receita passe a cobrar impostos dos *marchands* que vendem em prédios públicos. Mesmo nas embaixadas, que apesar de serem território estrangeiro, cedem seus espaços para transações comerciais brasileiras. Também propõe o estabelecimento de critérios para as exposições. "O valor cultural está sendo relegado

a segundo plano. Prevalece o interesse econômico e o critério político".

Espaços como o Banco Central, o Banco do Brasil, a ECT, Ministérios, a Câmara e o Senado são apontados por Pedro Teixeira como um grande filão para quem expõe ou para seus agentes empresariais. Tendo ou não qualidade as obras expostas vendem, sem qualquer recolhimento de imposto. Ele cita o espaço do Itamarati, cedido a custo zero para a galeria Simões, do Paraná, que expôs Juarez Machado. "Sem nada gastar, o *marchand* se limitava a andar pelo prédio público com a tabelinha de preços nas mãos".

Se o fisco é lesado, muitos artistas, de acordo com o senador, são iludidos: "Inexpressivos, ficam felizes em incluir em seus currículos exposições feitas nos espaços institucionais de Brasília. Depois, nem deles, nem de suas obras se ouve mais falar". Ele deseja também estabelecer critérios para exposições de brasileiros levadas para as nossas embaixadas. Quais são os critérios hoje?, pergunta, fazendo nova interrogação: indicação de alguma autoridade? "A má qualidade do que é exposto lá fora, e que vai como representante do Brasil, responde pela falta de reconhecimento internacional de nossas artes plásticas".

Desnível — Do que mais o crítico de arte e coordenador de projetos especiais do MAM/RJ, Cláudio Telles, se ressent no circuito das artes plásticas de Brasília é exatamente a preponderância da quantidade em detrimento da qualidade. Proprietário da extinta Espaço Capital Galeria de Arte, que funcionou na CLS 405, de 1985 a 1990, está no momento entre o Rio de Janeiro e São Paulo, mas ainda residindo oficialmente em Brasília. Coordenador do Prêmio Brasília



de Artes Plásticas de 1990, organiza agora a exposição do escultor Maurício Bentes, que aqui ocupará a Galeria da ECT.

Para o crítico apenas duas instituições mantêm programação regular em Brasília - a Itaúgaleria e a Galeria da ECT. Sobre a Itaú diz ser a programação escolhida por um conselho de curadores. Sobre a ECT menciona escolhas feitas através de uma coordenação própria. "As outras galerias institucionais, que são muitas - por exemplo, CEF, Banco Central e Fundação Cultural do DF - apresentam exposições sem critérios".

Este quadro, de acordo com Telles, cria um desnível muito grande na arte de Brasília, prejudicando os artistas e o público. "Os artistas porque se confundem uns com os outros. Ficam sem ter como definir o universo do próprio trabalho. O público porque vira alvo de uma confusão, não sabendo o que é bom ou ruim, sem possibilidade de desenvolver o senso crítico".

■ Mônica Silva da Silveira

Continue lendo na pág. 4

Pald